



CONEXÃO COMUNIDADE-ESCOLA: JORNAL ESCOLAR COMO POTENCIALIDADE PARA A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS

COMMUNITY-SCHOOL CONNECTION: SCHOOL NEWSPAPER AS POTENTIAL FOR KNOWLEDGE BUILDING

CONNEXION COMMUNAUTÉ-ÉCOLE : LE JOURNAL SCOLAIRE COMME POTENTIEL DE DEVELOPEMENT DE CONNAISSANCES

Cristiane Dall' Cortivo Lebler¹

RESUMO

Novas formas de promover o ensino-aprendizagem de língua portuguesa e de concebê-lo circulam no meio universitário desde a década de 1980 e, mais recentemente, de maneira um pouco mais difundida, no meio escolar. Essas novas abordagens têm possibilitado a renovação tanto das práticas pedagógicas na disciplina de Língua Portuguesa quanto fomentado uma formação de professores mais alinhada às necessidades contemporâneas. Dado esse contexto, este artigo tem como objetivo apresentar a experiência do planejamento didático para produção de um jornal escolar internamente à disciplina de Estágio curricular do curso de Letras Português da Universidade Federal de Santa Catarina e refletir acerca das reverberações dessa experiência tanto na formação de futuras docentes de Língua Portuguesa e Literatura quando na formação dos estudantes da Educação Básica. Para sustentar essas reflexões, embasamo-nos, sobretudo, no conceito de letramentos e nos seus desdobramentos (STREET, 1995; SOARES, 1998; ROJO, 2009; ROJO; BARBOSA, 2013; KLEIMAN; DE GRANDE, 2015) e apresentamos o desenho metodológico da experiência que dá corpo a este texto. A experiência com a produção de jornal escolar se mostrou qualificadora tanto da formação das docentes em pré-serviço quanto dos estudantes da Educação Básica, pela oportunidade de refletir sobre as linguagens, de forma ampla, sobre as questões ideológicas que perpassam os veículos de comunicação e sobre a importância de assumir uma voz ativa na comunidade escolar.

PALAVRAS-CHAVE: jornal escolar; estágio supervisionado; ensino de leitura e produção textual; letramentos.

¹ Pós-doutorado em Letras Vernáculas pela UFRJ. Doutorado em Letras pela PUCRS. Atualmente, é Professora Adjunta no Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: cristiane.lebler@gmail.com.

RESUMÉ

De nouvelles façons de promouvoir l'enseignement et l'apprentissage de la langue portugaise et de la concevoir circulent dans le milieu universitaire depuis les années 1980 et, plus récemment, de manière plus répandue, dans le milieu scolaire. Ces nouvelles approches ont permis de renouveler à la fois les pratiques pédagogiques dans la discipline de la langue portugaise et de favoriser une formation des enseignants plus alignée aux besoins contemporains. Dans ce contexte, cet article vise à présenter l'expérience de la planification didactique pour la production d'un journal scolaire dans le stage obligatoire au Cours de Lettres langue Portugais de l'Université Fédérale de Santa Catarina et à réfléchir sur les répercussions de cette expérience tant dans la formation des futurs professeurs lorsque des étudiants du lycée. Pour appuyer ces réflexions, nous nous basons avant tout sur le concept de littératies (STREET, 1995 ; SOARES, 1998 ; ROJO, 2009 ; ROJO ; BARBOSA, 2013 ; KLEIMAN ; DE GRANDE, 2015) et ses développements et présentons le design méthodologique du travail de création du journal scolaire. Cette expérience a permis qualifier à la fois la formation des enseignants encore à l'université et des élèves du lycée, par la possibilité de réfléchir sur les langages, sur les questions idéologiques qui imprègnent les médias et sur l'importance de prendre une voix active dans la communauté scolaire dont les étudiants font partie.

MOTS-CLÉS: journal scolaire ; stage supervisé ; enseignement de la lecture et de la production textuelle ; littératies.

Introdução

Novas formas – hoje já nem tão novas assim – de promover o ensino-aprendizagem de língua portuguesa e de concebê-lo circulam no meio universitário desde a década de 1980 e, mais recentemente, de maneira um pouco mais difundida, no meio escolar. Paralelamente, a inclusão na agenda pedagógica dos vários sistemas semióticos constitutivos dos textos que permeiam nosso cotidiano aproximou o ensino das linguagens à realidade discursiva dos sujeitos nos diferentes espaços sociais. Essa renovação se deu, em parte, pela adoção de novas concepções de linguagem e de novas metodologias para o estudo do texto e do discurso aplicadas ao ensino de línguas; por outro lado, colaborou também para essa ampliação o reconhecimento, em termos de políticas públicas, da sua importância e urgência, a exemplo da publicação dos vários documentos orientadores, como os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), os *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio* (PCNEM), as *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNEM+), as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (OCNEM) e, mais recentemente, a *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC).

Igualmente importante, a formação de uma nova geração de professores, cujas bases teóricas incorporam os pressupostos da Linguística e da Linguística Aplicada, tem dado corpo à emergência de um ensino de língua portuguesa focado na leitura e na produção textual segundo uma perspectiva sociointeracionista, que privilegia a língua em uso e o estudo do texto a partir da sua materialização em gêneros discursivos que permeiam a ampla gama de esferas de circulação.

Contudo, para que sigamos caminhando na direção de um ensino das linguagens que possibilite aos sujeitos o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias à sua emancipação e na direção da formação de professores capacitados para criar eventos pedagógicos necessários a essa emancipação, não basta repetir a fórmula segundo a qual é a partir de

exemplares reais de uso da(s) língua(gens) que deve acontecer seu ensino. É importante que se coloque essa perspectiva em prática e que se reflita efetivamente sobre o que ela significa. Em se tratando da formação de professores, a prática pedagógica a partir desse viés teórico colabora para que docentes em pré-serviço experimentem os desafios e os resultados do planejamento didático a partir da concepção de linguagem como forma de interação, tanto como delimitadora da sua metodologia de ensino quanto das propostas didáticas que levam para a sala de aula.

Nesse sentido, o trabalho com o jornal escolar, conforme aponta Bonini (2011), Bonini (2017), Pavão e Lima (2017), é um dos instrumentos mais propícios para o ensino das linguagens a partir da elaboração de projetos, como é o caso da experiência em tela. A produção da primeira edição do jornal da Escola de Educação Básica Dr. Paulo Fontes deu forma tanto ao planejamento da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (Ensino Médio), cujo público eram estudantes da 8ª fase do curso de Letras Português da Universidade Federal de Santa Catarina, quanto dos projetos de docência elaborados pelas professoras estagiárias.

Dado esse contexto, este artigo tem como objetivo apresentar a experiência do planejamento didático para produção de um jornal escolar internamente à disciplina de Estágio curricular do curso de Letras Português e refletir acerca das reverberações dessa experiência tanto na formação de futuras docentes de Língua Portuguesa e Literatura quando da formação dos estudantes da Educação Básica. Para isso, discutimos o conceito de letramentos e seus desdobramentos, a produção de jornal escolar como estratégia de ensino-aprendizagem, apresentamos o desenho metodológico da experiência e a avaliamos em seus aspectos positivos e negativos.

Letramentos e ensino da leitura e da produção textual

De acordo com Soares (1998) e Rojo (2009), a palavra *letramento* teve sua entrada no vocabulário de pesquisadores a partir da década de 1990 em oposição ao termo *alfabetismo*, pelo qual se buscava construir um paralelo entre o domínio do código escrito, pelas habilidades da leitura e da escrita, e a capacidade de participar de práticas sociais ainda que sem o domínio desse código. Essa nova visada sobre as formas de se relacionar usando a língua também foi impulsionada pelas ideias de Brian Street (1995), que chamou a atenção para a supervalorização do letramento escolarizado, ou autônomo, em detrimento do letramento tido como vernacular e próprio de ambientes não institucionalizados. Essas novas ideias foram responsáveis por inserir na agenda educacional a urgência da adoção de uma concepção ampla de letramento, que abarcasse e valorizasse não apenas as práticas languageiras institucionalizadas, mas também aquelas realizadas na comunidade.

Nesse cenário, as práticas sociais concretizadas pelo uso dos diferentes sistemas semióticos passam a ser determinantes para o trabalho com a leitura e a escrita, já que desviam o foco dos textos fora de contexto e passam a analisar as práticas sociais das quais os textos fazem parte. Contudo, para dar estrutura a essa nova perspectiva, era preciso que as abordagens

do texto estivessem ancoradas em um suporte teórico compatível com esse modo de conceber os usos da língua e de outros sistemas semióticos. Nesse sentido, Kleiman e De Grande (2015) apontam que

o conceito de práticas de letramento situa os eventos de letramento e as ações individuais em um quadro social sólido, o que torna possível uma aproximação com a teoria bakhtiniana na investigação dos usos efetivos da linguagem, em diferentes grupos e por diferentes sujeitos: nesse quadro teórico, a compreensão dos usos da língua como sempre situados coaduna-se com a compreensão de que a linguagem nunca se dá no vazio, mas sempre numa situação histórica e social concreta, através da interação (KLEIMAN, DE GRANDE, 2015, p. 14).

Assim, faz-se necessário um deslocamento para que, internamente à escola e à disciplina de Língua Portuguesa, se adote uma postura que valorize não apenas as práticas institucionalizadas de uso da língua, mas também aquelas que se dão na vida diária dos sujeitos, em outras esferas de circulação. É nesse contexto que a produção de um jornal escolar – ainda que a palavra “escolar” faça parte do sintagma – se insere, visando à transposição das barreiras da supervalorização de determinados gêneros e de determinados usos da língua, típicos da escolarização do conhecimento. Isso porque se espera que o jornal, ainda que produzido internamente à escola por seus estudantes, tome como tema questões do cotidiano dos alunos, da escola e da comunidade em que estão inseridos, lugares onde também encontrará seus leitores. Para isso, torna-se estruturante dessa iniciativa o conceito de esfera de circulação.

Esse conceito, tal como o apresentam Kleiman e De Grande (2015), tem sua origem em Bakhtin (2011), mas, no trabalho das autoras, recebe contornos da área da Geografia, especialmente dos estudos desenvolvidos por Milton Santos. De acordo com as estudiosas, o conceito de espaço, como o propõe o geógrafo, permite refletir sobre a relação entre espaço geográfico e esfera de circulação: “segundo Santos, o espaço é formado por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, reunindo a materialidade e a vida que a anima” (p. 15). Essa interação entre objetos e sujeitos cria e recria as transformações do espaço, reverberando, também, na transmutação dos objetos e na relação que os sujeitos têm com eles. Sujeitos, espaços e objetos não são, portanto, estanques e imutáveis, mas orgânicos, a exemplo do que se observa com os gêneros discursivos e com as esferas por onde eles circulam. Ainda segundo as autoras, assumir o conceito de esfera de circulação nessa perspectiva

implica considerar o tempo e lugar históricos em que os enunciados são produzidos, os participantes e as relações sociais que mantêm entre si e os gêneros utilizados na interação, focalizando como esses fatores se articulam na produção de significados no interior dessas práticas. (KLEIMAN; DE GRANDE, 2015, p. 15)

Voltando ao conceito de letramentos, Rojo (2015) argumenta que eles só podem ser pensados em correlação com a ideia de esferas, pois estas definem os participantes da interação, a estrutura dos textos, os seus recortes temáticos, os níveis e os tipos de linguagem envolvidos. Por essa razão, a produção do jornal escolar, ao passo que traz para a discussão a esfera

jornalístico-midiática – os seus gêneros, atores discursivos, linguagens envolvidas –, também possibilita um deslocamento para a análise do seu entorno discursivo e das questões ideológicas que carrega, em que o estudante se torna protagonista ao pautar e discutir os temas da sua realidade social.

Contudo, Bonini (2011, p. 159) alerta para três caminhos a que a produção de jornais escolares pode levar: eles podem transformar-se em espécies de “apostilas de disciplinas”, onde constam resumos das aulas; podem ficar restritos aos próprios autores, tirando seu caráter de divulgação; ou, ainda, acabarem se constituindo de textos pessoais dos alunos, sem contato com a essência dos textos da esfera de circulação jornalística. Por outro lado, ainda segundo o autor, ao se implementar o jornal, é preciso que haja um cuidado para que não se enfatize sobremaneira o seu papel midiático, descolando-o da experiência de leitura e escrita, nem o seu viés de ferramenta de ensino-aprendizagem, desvirtuando a sua função autoral e interacional. A proposta de Bonini (2011) é que se encontre um equilíbrio: “de se conseguir refletir e tomar posições quanto a esse duplo papel do jornal (de ser meio de interação e, ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem) de modo a tirar proveito dessa dupla face” (BONINI, 2011, p. 162).

À luz do conceito de esfera de circulação, é importante que o jornal produzido na escola não se torne uma mera imitação do jornal convencional, o que levaria à perda da especificidade enunciativa, na qual os alunos são os sujeitos produtores dos conteúdos, e a comunidade escolar, em sentido amplo, os sujeitos leitores. O jornal tampouco deve se tornar um veículo que apenas publica textos produzidos pelos alunos, o que implicaria um empobrecimento em termos discursivos e de conteúdo (BONINI, 2011). Além disso, conforme salienta Street (1995), a discussão em torno das questões ideológicas que perpassam essas práticas – no caso em epígrafe, aquelas vinculadas à esfera jornalístico-midiática –, juntamente com as linguagens que as veiculam, também ganham espaço nas aulas de língua portuguesa. Na prática da produção do jornal, é relevante que se dê contornos específicos às produções feitas na escola em oposição àquelas que são publicadas nos veículos convencionais, dado que estas últimas estão permeadas de outras intencionalidades.

Nesse contexto, o conceito de *letramentos*, tal como propõem Street (1995), Kleiman (1995) e Rojo (2009), e o de gêneros discursivos, desenhado por Bakhtin (2011) e evocado por Kleiman e De Grande (2015), são norteadores dessa produção, pois possibilitam o trabalho crítico com práticas sociais de leitura e de escrita que efetivamente acontecem na sociedade e com exemplares reais de textos, tanto orais quanto escritos, em linguagem verbal e não verbal.

A partir desse cenário, Rojo (2009) Rojo e Barbosa (2015) defendem o trabalho com a leitura e com a escrita voltado para o mundo contemporâneo, ao qual se integre o reconhecimento de usos sociais das linguagens. Acrescentam que os letramentos sejam promovidos em seus múltiplos aspectos – pela transposição dos limites da linguagem verbal, propiciando os

letramentos multissemióticos; dos limites escolares, proporcionando os *multiletramentos* ou dos *letramentos multiculturais*; e que se estimule o posicionamento crítico em relação aos produtos das diversas mídias, reconhecendo seu caráter ideológico, suas finalidades e intenções, configurando, assim, um *letramento crítico* (ROJO, 2009, p. 119-120).

Metodologia de desenvolvimento do projeto didático e discussão da experiência

A seguir, serão descritas as etapas de realização do estágio e do planejamento didático da implementação do jornal, assim como serão elencados pontos de reflexão correlacionando os pressupostos teóricos orientadores do trabalho e os resultados obtidos.

Metodologia de desenvolvimento do projeto didático

Da organização do estágio

Regida pela Resolução Normativa nº 61/2019/CGRAD, de 8 de março de 2019, a disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Santa Catarina prevê um número máximo de dez graduandos matriculados por turma. Isso permite que os estudantes tenham um acompanhamento estreito das suas atividades pelo docente orientador na instituição. Os estudantes são, na maior parte das vezes, organizados em duplas, que elaboram projetos de ensino para visando à co-docência, com carga horária de 10 a 14 horas de regência de classe.

Normalmente, o campo de estágio é escolhido pelo professor orientador, e as combinações se dão entre este e o docente supervisor no campo. Assim, desde que respeitada a Resolução, as possibilidades de trabalho são bastante amplas, cabendo aos professores orientador e supervisor definir a dinâmica do estágio e acordar os temas sobre os quais versarão cada um dos projetos.

A realização desta etapa da formação se dá com base em quatro grandes momentos: observação, pelos estagiários, da turma para a qual será elaborado o projeto de docência; elaboração do projeto de docência, compreendendo elementos como recorte temático, objetivos geral e específicos, justificativa, fundamentação teórica, metodologia das aulas, formas de avaliação e detalhamento em planos de aula e materiais didáticos; regência de classe; e socialização/avaliação da experiência de estágio – esta última pode ter formatos diversos, como eventos acadêmicos com todas as turmas de estágio em Língua Portuguesa e Literatura do semestre, seminários internos à disciplina com ou sem a participação do docente supervisor no campo etc.

Da organização do estágio objeto deste artigo

Duas especificidades foram determinantes para a organização das atividades deste estágio: a primeira delas, o descompasso entre o calendário acadêmico universitário e o calendário acadêmico da rede estadual de ensino de Santa Catarina. Ainda afetado pela suspensão das

aulas em razão da pandemia de Covid-19, o calendário acadêmico do semestre letivo 2021.2 da Universidade Federal de Santa Catarina iniciou em outubro, teve recesso escolar no mês de janeiro e foi finalizado em março. Por outro lado, a escola estadual que se constituiu campo de estágio teve o encerramento do ano letivo em dezembro de 2021 e o começo de um novo ano letivo em fevereiro de 2022. A segunda especificidade foi o fato de a Universidade ainda estar operando na modalidade remota de ensino, enquanto a rede estadual já havia retomado as atividades de forma 100% presencial. A adoção de diferentes modalidades de ensino impediu que as estagiárias pudessem ir ao campo de estágio e, conseqüentemente, dificultou a sua inserção na escola, já que não puderam conhecer de perto os estudantes para os quais as aulas seriam planejadas, tampouco ministrar presencialmente essas aulas.

Assim, como forma de contornar essa dificuldade, a professora supervisora no campo de estágio sugeriu um tema unificador de todos os projetos: a criação do jornal da escola e a produção do primeiro número, sendo as aulas dadas no formato de oficinas. Para isso, escolheu as duas turmas de 2º ano do Ensino Médio em 2021, que viriam a se unificar na turma e 3º ano do Ensino Médio em 2022. A escolha por esse ano escolar foi orientada, sobretudo, pelos conhecimentos prévios que esses estudantes detinham em relação aos gêneros que seriam produzidos, aspecto fundamental em razão do curto período disponível para as produções. As estudantes da turma de estágio se organizaram em cinco duplas, cada uma responsável pelo planejamento da produção de um dos gêneros escolhidos: conto, artigo de opinião, notícia, resenha e entrevista. Já os estudantes do 3º ano do Ensino Médio (em torno de 30) formaram cinco grupos, cada um deles também responsável pela produção de um dos gêneros escolhidos. As docentes orientadora e supervisora, além da Diretora da escola, se responsabilizaram pela escrita do Editorial.

As estudantes da Universidade elaboraram seus projetos de docência considerando que teriam duas noites de cinco horas-aula cada para executar seu planejamento. Em razão da impossibilidade de ir à escola presencialmente ministrar as aulas, a regência se daria pelo uso da plataforma Google Meet: os alunos, em grupos, estariam em diferentes salas de aula da escola, e as estagiárias, em suas casas. Para auxiliar estudantes da escola e estagiárias, as professoras orientadora e supervisora estavam presentes durante todo o período da regência de classe. Além disso, a fim de contornar eventuais incidentes relacionados às tecnologias, as estagiárias gravaram videoaulas, e os materiais didáticos elaborados para os estudantes eram autoinstrucionais, ou seja, continham todas as explicações e indicações sobre cada etapa do estudo e da produção do gênero discursivo. Assim, caso não houvesse conexão de internet nas noites da regência, ou esta não fosse estável o suficiente para permitir a interação síncrona, os estudantes poderiam trabalhar apenas com o auxílio das docentes supervisora e orientadora, que estavam presencialmente na escola.

Das etapas prévias à regência de classe

De maneira a dar os contornos da elaboração dos projetos de docência, as estagiárias foram convidadas, no início do semestre, a realizar pesquisas em artigos de natureza teórica e aplicada sobre a produção de jornal escolar como estratégia no ensino de língua portuguesa e, internamente às duplas, sobre os gêneros que seriam objeto de sua prática docente. Essas pesquisas foram socializadas em aulas síncronas, via Google Meet, em que era possível correlacionar o aporte teórico encontrado à situação peculiar que se desenhava. De acordo com Pimenta (1999, p. 28), na formação de professores, a pesquisa se configura como o “princípio cognitivo de compreensão da realidade” e, de forma consequente, como o “princípio formativo da docência” – conhecer, portanto, outras experiências, assim como correlacioná-las com a realidade em tela, são movimentos desejáveis na constituição dos saberes pedagógicos.

Como se tratava da criação do jornal, outras ações anteriores à produção dos gêneros foram necessárias, tais como a definição da sua linha editorial, dos objetivos geral e específicos, do seu público-alvo. Todos esses elementos foram compartilhados com a docente supervisora no campo. Essa etapa de criação do jornal contou com o apoio de uma jornalista, doutoranda em Letras, que ministrou, para as estagiárias, a oficina “Elementos do Jornalismo para a produção de jornal escolar”, por meio da qual abordou a rotina de um jornal, a classificação dos gêneros de acordo com a abordagem jornalística, suas especificidades composicionais e linguísticas, além da editoração do jornal: como se dá a escolha da matéria de capa, como se organizam internamente os gêneros, instruções sobre como captar imagens de lugares e pessoas, entre inúmeros outros aspectos.

Figura 1: Convite para oficina “Elementos do jornalismo para a produção de jornal escolar”



Fonte: arquivo pessoal da autora (2021).

O fato de o jornal ser uma iniciativa nova requeria que seu nome fosse definido. Para isso, a professora supervisora no campo mobilizou os estudantes dos 2ºs anos do Ensino Médio a sugerirem nomes para o jornal. Essas sugestões, em torno de vinte, foram repassadas às estagiárias, que as avaliaram segundo os seguintes critérios a fim de selecionar até cinco finalistas: 1. Nomes que representassem a essência do Jornal - um jornal escolar, produzido pelos alunos da Escola Dr. Paulo Fontes, inserido e em diálogo com o bairro de Santo Antônio de Lisboa; 2. Nomes atemporais; 3. A sonoridade das palavras combinadas; 4. A não existência de outros jornais, canais, páginas na internet ou em redes sociais com nomes idênticos. Ao final, restaram quatro alternativas 1. Jornal do Fontes; 2. Jornal Paulo Fontes 3. Rede Fontes; 4. Fontes da notícia.

A escolha do nome do jornal cumpriu um importante papel para a formação cidadã dos estudantes. Por se tratar de um ano eleitoral, no qual serão eleitos os representantes do executivo e do legislativo federal e estadual, e por ser também um ano de eleições para Direção na escola, a professora supervisora no campo optou por fazer uma votação da qual participariam todos os alunos da escola. Assim, foi afixado, em locais estratégicos, um Informativo, no qual se dispunham informações sobre o dia, horário e função da eleição, o seu formato e as alternativas de nome para o jornal; também foram instaladas uma cabine de votação e uma urna. No dia da eleição, os alunos, um a um, assinaram a lista e fizeram sua opção; a contagem dos votos se deu com a presença de dois estudantes, a fim de mostrar a lisura dos processos eleitorais. Finalmente, o nome escolhido pelos estudantes da escola para o seu jornal foi *Jornal Paulo Fontes*.

Figura 2 - Votação para eleição do nome do Jornal da Escola Dr. Paulo Fontes



Fonte: arquivo pessoal da autora (2021).

Da regência de classe

Tendo sido finalizadas todas as etapas anteriores à regência, a execução das aulas planejadas se deu em duas noites, em duas semanas subsequentes, totalizando 10 horas-

aula cada gênero/dupla de estagiárias. No primeiro encontro, os estudantes, na escola, foram reunidos em sua sala, para, coletivamente, conhecerem as estagiárias. Após esse momento de apresentação das professoras-estagiárias e da apresentação do projeto de elaboração do jornal, os estudantes compuseram os grupos e se dirigiram às salas onde trabalhariam cada um em seu gênero específico.

De uma maneira geral, as aulas planejadas para cada gênero tiveram estruturas semelhantes, conforme abaixo:

Tabela 1 - Distribuição do planejamento didático

1º encontro – 5h/aula

Momento da aula	Atividade
Introdução/mobilização para a construção do conhecimento	Apresentação das estagiárias para o grupo; Retomada da explicação sobre o projeto do jornal escolar; Introdução e leitura do gênero a ser produzido, incluindo o contato com um jornal impresso.
Desenvolvimento/ Elementos para a construção do conhecimento	Videoaula sobre o gênero a ser produzido, na qual foram abordadas características, meios de circulação, função social do gênero etc.
Consolidação do conhecimento	Leitura analítica do gênero a partir de roteiros desenvolvidos pelas estagiárias; Elaboração de esquemas sintéticos e planejamento do gênero a ser produzido.
Encaminhamentos finais	Orientações sobre pesquisas temáticas necessárias ao desenvolvimento do gênero.

2ª aula – 5h/aula

Introdução/mobilização para a construção do conhecimento	Retomada de elementos-chave da aula anterior.
Desenvolvimento/ Elementos para a construção do conhecimento	Discussão entre os estudantes do grupo, mediada pelas estagiárias, das pesquisas realizadas entre o primeiro e segundo encontros; Orientações para a produção dos textos.
Consolidação do conhecimento	Produção dos textos, com acompanhamento em tempo real das estagiárias, incluindo leituras e orientações para reescrita.
Encaminhamentos finais	Encerramento das atividades de regência e agradecimentos.

Fonte: elaboração da autora (2022).

Após a segunda aula, as estagiárias realizaram uma correção dos textos produzidos, os quais foram reescritos pelos estudantes em uma atividade que tomou lugar em uma das aulas de Língua Portuguesa da professora regente. Em seguida, os textos foram entregues e encaminhados para a diagramação.

Da finalização do jornal

Após a finalização do processo de revisão, o jornal foi diagramado pela professora orientadora com auxílio das estagiárias. Embora idealmente os próprios estudantes da escola deveriam realizar esse procedimento, que colaboraria, inclusive, para a apropriação do uso das tecnologias digitais, tal como preconiza a BNCC, dificuldades de uso da sala de informática da escola (há apenas uma sala com trinta computadores para todos os estudantes) e de trabalho em ferramentas colaborativas de edição de texto foram levadas em consideração para essa tomada de decisão. Após a diagramação em *template* disponível no aplicativo editor de texto *Word*, o jornal foi enviado para impressão, com distribuição para a comunidade escolar. A capa do jornal produzido por esta experiência está disponível no Anexo 1.

Análise crítica do projeto de criação do jornal

A criação e a produção do jornal, considerando não apenas o período da leitura e da produção dos gêneros, mas tomando como marco a sua gênese, quando houve a apresentação do projeto pela professora orientadora às suas estudantes e pela professora supervisora no campo aos seus alunos, seguida das outras ações (indicação dos nomes para o jornal e sua escolha; preparação e realização das oficinas; pós-produção, totalizando quatro meses de trabalho), trouxeram importantes aprendizagens, sobretudo pelos desafios inerentes à primeira experiência com a produção de um jornal e à complexidade do agenciamento da atividade tendo em vista as dificuldades contextuais que se apresentaram. Contudo, se observados os aspectos formativos, a produção do jornal, embora não tenha compreendido todas as etapas idealizadas por Bonini (2011), foi significativa na formação das futuras professoras e dos estudantes da escola por ações em diversas direções, conforme se detalha a seguir.

Os alunos, que foram responsáveis pela produção dos gêneros que compuseram o jornal, puderam refletir sobre a importância da curadoria da informação, tal como orienta a BNCC, movimento que implica a seleção da informação que será compartilhada com a comunidade, considerando seus interesses, a reflexão sobre o que significa disponibilizar determinada informação para comunidade, e o compromisso com a ética e a “verdade”, já que o jornal não é a voz de um ou de uma estudante, mas representa a comunidade escolar.

Além disso, a escuta, um dos eixos de trabalho com a língua definidos pela BNCC, ganhou relevância, seja na escuta de um entrevistado, que colaboraria com uma matéria; de um colega, com quem dividia a tarefa da escrita; ou da professora, que fazia a mediação do processo. Essa escuta de diferentes interlocutores se estendeu para a correlação entre discursos e linguagens, para a retextualização do oral para o escrito preservando os sentidos expressos

pelos entrevistados, dando relevo à necessidade de um comportamento ético, de respeito à palavra de outrem, e às implicações que intervenções no seu conteúdo podem acarretar.

A produção do jornal escolar trouxe o reconhecimento desse veículo como forma de expressar e de problematizar questões que afetam diariamente o cotidiano da comunidade e da escola. Por meio de um dos artigos de opinião, por exemplo, os estudantes discutiram a questão dos atrasos nos ônibus provocados pelo acúmulo de funções exercidas pelo motorista, que agora também atua como cobrador. Ou, em outro caso, em uma das notícias, os estudantes abordaram a suspensão de um dos mais esperados momentos de socialização na escola, a Gincana anual, em razão das medidas de proteção à Covid-19. Esses exemplos ilustram, ainda que de forma sucinta, como a produção do jornal pode possibilitar aos alunos refletirem sobre temas e problemas do seu entorno, fomentando o protagonismo juvenil e empoderando esses sujeitos para que ocupem outros espaços de expressão, fora da esfera escolar.

Assim como ressaltou Bonini (2011), projetos dessa natureza também cumprem a função de refletir sobre questões mais amplas, tal como o papel dos veículos midiáticos na nossa sociedade, no modo como incorporam os discursos ideológicos dominantes ou das minorias, na sempre presença de um posicionamento crítico, expresso pelo modo como selecionam e abordam os temas, os especialistas para os quais é dada voz, etc. Essas questões puderam ser evidenciadas, por exemplo, durante a leitura e a análise de exemplares dos gêneros que as estagiárias selecionaram como material didático para as etapas prévias à produção.

Consoante a Rojo (2009) e Rojo e Barbosa (2015), a produção dos gêneros para o jornal tem potencial para o desenvolvimento dos letramentos multissemióticos, já que traz a possibilidade de refletir sobre a composição das linguagens verbal e imagética dos textos, respondendo a perguntas como “o que as imagens selecionadas transmitem?”; “de que modo dialogam com o contexto em que o texto irá circular?”; “qual sua intencionalidade?”. No caso das resenhas, como as imagens selecionadas buscam persuadir o leitor a visitar os lugares tomados como objeto discursivo?; ou, de forma ampliada, em que medida, em nossa vida cotidiana, nos deparamos com imagens com essa função?

No caso da entrevista, as estagiárias conduziram análises sobre as modalidades oral e escrita da língua, já que os alunos elaboraram o roteiro de perguntas, entrevistaram a diretora da escola, transcreveram suas respostas e as retextualizaram. Esse movimento complexo exigiu olhar para os vários níveis de construção linguística e desconstruir a visão de que à oralidade corresponde a informalidade e à escrita, a formalidade. A entrevista foi o gênero que mais colocou desafios à sua produção, pois mobilizou não só o conhecimento sobre o gênero, mas também trouxe a complexidade da passagem do oral para o escrito. Contudo, ela também permitiu perceber as especificidades e os usos dessas diferentes modalidades da língua considerando as práticas sociais, como propõem Kleiman e De Grande (2015).

No tocante à formação de futuras professoras de língua portuguesa, a experiência da construção dos projetos de docência visando a um objetivo comum mostrou a importância do trabalho em equipe – e, até mesmo, as potencialidades interdisciplinares, como já evidenciaram Rocha et al (2017), as quais não foram possíveis em razão das especificidades da realização do estágio. Por outro lado, Pimenta (1999) argumenta que a construção dos saberes pedagógicos deve se dar “*a partir das necessidades pedagógicas postas pelo real*, para além dos esquemas apriorísticos das ciências da educação” (p. 25, grifos da autora). Nesse sentido, o contexto pós-pandêmico impôs os contornos para a realização desse projeto, em que houve limitações no acesso das docentes-estagiárias ao campo, mas permitiu que saberes pedagógicos genuínos fossem construídos, uma vez que a dinâmica social atual exige conhecimentos ainda pouco descritos e habilidades específicas para lidar com a dissociação espaço-temporal na qual as atividades tomaram lugar.

Assim como o estudo das linguagens deve partir das suas práticas sociais, considerando as situações concretas de seu uso e os diferentes gêneros pelos quais os sujeitos interagem em sociedade, os saberes necessários à docência também encontram, conforme Pimenta (1999, p. 25), seu ponto de partida e seu ponto de chegada na prática social da educação, condição que abre espaço para a constituição de um *saber-fazer* a partir de um *fazer* – o *seu fazer particular*, a sua *experiência* docente no sentido que Bondía (2002) atribui à palavra.

Evidentemente, a realização deste trabalho não foi coroada apenas de sucessos, mas também de pequenos fracassos. A instabilidade da conexão com a internet na escola foi um empecilho à regência, pois a interação entre as estagiárias e os seus estudantes foi interrompida com alguma frequência, o que impediu que as próprias professoras reproduzissem as videoaulas que haviam gravado. Esse problema foi contornado pela criação de grupos de WhatsApp e pela realização de videochamadas por esse aplicativo. Essa questão evidencia o quanto as escolas públicas ainda carecem de investimentos em sua infraestrutura tecnológica.

Outro ponto negativo foi o impedimento da observação da turma para a qual as estagiárias planejavam suas aulas pelas razões já expostas no desenho metodológico deste trabalho. Essa falta foi parcialmente suprida por descrições da professora regente sobre as características e o comportamento dos estudantes nas aulas e na realização das tarefas de língua portuguesa. Também foram disponibilizados textos e exercícios produzidos pelos estudantes em outras ocasiões. Assim, as professoras estagiárias puderam conhecer um pouco das dificuldades e potencialidades quanto à escrita, mas ainda permaneceu desconhecida como se dava a interação em sala de aula. Dessa dificuldade surgiu o desafio de construir uma espécie de persona para a qual as aulas foram produzidas e as estagiárias constantemente ressaltavam a importância, evidenciada pela falta, de conhecer os sujeitos aprendentes. Ao encontro da vivência dessa constatação, surgiram debates em torno, por exemplo, da complexidade do trabalho com o livro didático, já que este é produzido para um estudante ideal, cabendo ao professor fazer a curadoria do material.

Cabe destacar, ainda, que a realização do estágio por meio de oficinas em que a interação foi mediada pelas tecnologias teve seu lado positivo, pois desafiou as futuras docentes a planejar as aulas e a preparar materiais que fossem compatíveis com esse formato, mas também impediu que elas pudessem *estar* na escola, o que implica muito mais do que estar presencialmente dando aulas. Conhecer o espaço, a sua infraestrutura, a dinâmica dos alunos na convivência, recebê-los na sala de aula quando da sua chegada e poder fazer a leitura das suas reações corporais ao longo das aulas teria enriquecido a experiência. Entendemos que o uso das tecnologias cumpriu um importante papel durante o período de distanciamento social, mas a vivência do espaço escolar é insubstituível por qualquer plataforma utilizada para o ensino.

Por fim, todas as potencialidades que a produção do jornal possibilita teriam tido maior proveito se o projeto tivesse sido desenvolvido ao longo de um semestre letivo – ou até mesmo de um ano -, paralelamente a discussões mais demoradas acerca das questões contextuais, que envolvem os veículos midiáticos, e do estudo da língua e das linguagens na leitura e na produção dos gêneros para o jornal, incluindo, também, o letramento digital pelo manuseio de ferramentas de edição de texto.

Apesar dessas limitações, consideramos que a experiência foi frutífera e abriu caminhos para que novas edições do jornal sejam produzidas, por meio de outras estratégias metodológicas, envolvendo alunos de outras séries e, quiçá, idealmente, docentes de outras disciplinas curriculares.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo apresentar a experiência do planejamento didático para produção de um jornal escolar internamente à disciplina de Estágio curricular do curso de Letras Português da Universidade Federal de Santa Catarina e refletir acerca das reverberações dessa experiência tanto na formação de futuras docentes de Língua Portuguesa e Literatura quando da formação dos estudantes da Educação Básica. Para isso, nos ancoramos no conceito de letramentos e na abordagem sociointeracionista do ensino das linguagens, buscando apoio, também, em outras experiências de produção de jornal escolar.

Essa proposta, apesar das limitações apontadas, cumpriu com o seu papel na formação das futuras docentes e no letramento dos estudantes. Partindo da produção do jornal, pôde-se observar as práticas sociais mediadas pelas linguagens, de modo a tentar transpor o chamado “alfabetismo”, mergulhando os sujeitos em práticas sociais diversas por meio da linguagem verbal e não verbal. A produção do jornal possibilitou ir além da proposta de tomar a língua – e as linguagens – como objetos em si, o que poderia tornar o seu ensino empobrecido.

Outro aspecto que convém ressaltar diz respeito aos letramentos multiculturais de que tratam Rojo (2009) e Rojo, Barbosa (2015). Ao recortar questões concernentes ao bairro de Santo Antônio de Lisboa como temas nucleares para o desenvolvimento dos gêneros, os

estudantes trouxeram para a pauta pontos históricos que são constitutivos da cultura geral daquela localidade, marcadas no sotaque dos moradores, na gastronomia local e nos conflitos existentes entre, de um lado, a preservação da cultura e dos hábitos e, de outro, a presença de turistas, que modifica a dinâmica do bairro e os seus costumes, sobretudo durante o verão.

Tal como pondera Street (1993, p. 146), é necessário tomar os processos de leitura e escrita como ideologicamente situados, sempre encaixados em relações de poder, já que este é o contexto em que os sujeitos vivem e se relacionam: em sociedades ideologicamente constituídas, nas quais as relações de poder são estruturantes. Sendo a leitura e a escrita práticas sociais de uso da língua, por que deveriam elas estar descoladas desse aspecto que lhes é constitutivo?

Assim, a produção do jornal escolar, para além de ser um produto das aulas de língua portuguesa, se tornou uma forma de os estudantes se posicionarem ideologicamente frente aos temas candentes da sua comunidade, experimentando o alcance da palavra para além de tarefas da disciplina de Língua Portuguesa. De modo adicional, a produção dos textos para o jornal também cumpriu o papel de promover a reflexão sobre a língua portuguesa e sobre as linguagens, suas formas de expressão e de composição.

A criação do jornal, envolvendo a escola como um todo, promoveu práticas de letramento que ultrapassaram a produção dos textos. Os estudantes da escola, ao participarem da eleição do nome do jornal, puderam experimentar a importância dos processos democráticos, da expressão e do respeito às suas escolhas e do ato em si de produzir o gênero “voto”. Esse convite à participação na vida escolar promove uma apropriação do espaço, seja no sentido de “torná-lo próprio de si”, seja no sentido de transitar livremente por ele. A escola é um dos mais importantes ambientes de convívio e de socialização das crianças e dos jovens, e não apenas o lugar onde têm lições de Matemática, Língua Portuguesa, Biologia. Assim como socialmente as vivências escolares se ampliam para fora dos seus muros, é imprescindível que os conhecimentos construídos nesse espaço também façam sentido fora dele.

Quanto a este aspecto, vale a pena retomar as palavras de Pimenta (1999, p. 15), que reafirma a relevância do papel do professor como mediador “nos processos constitutivos da cidadania dos alunos”, superando o lugar comum de “reprodutor de conhecimentos ou monitor de programas pré-elaborados”. Os saberes *sobre* as práticas ou *sobre* a educação permitem que se reflita sobre a ação pedagógica, mas eles, por si mesmos, não são capazes de construir a experiência – do mesmo modo que a teoria literária não constitui um escritor e que o conhecimento da anatomia não forma um cirurgião. Esses conhecimentos são basilares para que se possa confrontar sua própria prática e reelaborá-la - são necessários, portanto, mas não suficientes.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 6.ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 475p.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira da Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, pp. 20-28, Jan/Abr 2002.

BONINI, A. Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 149-175, 2011.

BONINI, A. O jornal escolar como mídia contra-hegemônica –jornalismo de escola não modelado pelo jornalismo comercial dominante. *Linguagem em (Dis)curso–LemD*, Tubarão, SC, v. 17, n. 2, p. 165-182, maio/ago. 2017.

KLEIMAN, Â.; DE GRANDE, P. B. Interseções entre a Linguística Aplicada e os Estudos de Letramento: desenhos transdisciplinares, éticos e críticos de pesquisa. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.22, n.36, p. 11-30, jan/jun. 2015.

PAVÃO, I. F. da S.; LIMA, M. de F. W. P. A Ressignificação da escrita e o jornal escolar. *Scientia cum Industria*, Caxias do Sul, v. 5, n. 2, pp. 56 — 65, 2017

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In.: PIMENTA, S. G. (Org.) *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999, p. 15-34.

ROCHA, L. E. et. al. O jornal escolar como possibilidade de interdisciplinaridade no Ensino Básico. *Arquivos do MUDI*, v. 21, n. 03, p. 132-141, 2017.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

STREET, B. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola, 1995.

Jornal Paulo Fontes

(Noturno)

Sábado, 24 de
abril de 2022.

Ano 1, Volume 1

Conexão comunidade-escola:
potencialidade para a construção de
conhecimentos

Fabiola Fátima Costa*, Rita de Cássia Peres**,
Cristiane Dall Corvo Lebler***

Pensar a educação como elemento transformador do humano coloca a escola no centro desse processo, do qual também fazem parte os seus vários atores: professores, estudantes, pais, agentes públicos e a comunidade em geral. Assim, para que a escola e os saberes que circulam nela sejam significativos, importa que estejam conectados ao universo que ela tem em si e que transcendam os seus limites físicos, sobretudo porque acreditamos que o conhecimento científico e o que é produzido em nossa escola não pode ficar restrito à sala de aula. Foi com base neste princípio que se idealizou e se implementou a criação do Jornal Paulo Fontes, o qual se apresenta como mais uma maneira de compartilhar com a comunidade escolar um pouco do que é produzido no mesmo meio noturno.

Por algum tempo desejamos criar algo que colocasse o ensino médio mais em contato com as comunidades de onde os/as estudantes advêm. De compartilhar com, por exemplo, familiares que moram mais distante do bairro Santo Antônio de Lisboa, onde a escola está inserida, o que é desejado e realizado pelos(as) estudantes, por professores e professoras e pela direção da escola. Na educação, nem tudo o que sonhamos e desejamos se concretiza, mas é necessário que continuemos sonhando e desejando para que consigamos concretizar o máximo possível desses sonhos e desejos. Implementar o jornal escolar foi um desses desejos que, no primeiro semestre de 2022, conseguimos concretizar.

Em primeira edição ficou a cargo dos estudantes e das estudantes do 3º ano do ensino médio, tendo como parceira a Universidade Federal de Santa Catarina – a nossa UFSC. Mais precisamente, nas pessoas da professora de estágio, Cristiane Dall Corvo Lebler, e estudantes do Curso de Letras Portuguesas. Assim, ao executar essa proposta, a escola também abriu tanto no incentivo ao protagonismo juvenil, pois o jornal é feito, principalmente, por quem a escola continua tendo razão de existir: o(a) estudante, quanto partilha de forma nuclear da formação da futura geração de professores de língua portuguesa.

Essa integração entre escola e comunidade se materializou pela centralidade que as questões atinentes ao bairro de Santo Antônio de Lisboa



Edição anterior da Gincafontes. Créditos: Facebook EEB Dr. Paulo Fontes

Gincafontes

A gincana do colégio Dr. Paulo Fontes está de volta?

Gincafontes foi uma grande gincana que começou no ano de 1993 e teve sua última edição no ano de 2019, fundada no Colégio Dr. Paulo Fontes, no bairro, Santo Antônio de Lisboa em Florianópolis. Porém, houve uma pausa devido a pandemia e a falta de interesse dos alunos.

As atividades das gincanas, sendo elas culturais, esportivas e pedagógicas, eram compostas por teatro, dança, apresentações musicais durante os dias de gincana e aconteciam dentro de uma semana.

O cancelamento da gincana foi gerado principalmente pelo vírus da covid 19. Com a afirmação da direção, dada pela diretora Fabiola Fátima da Costa, a estrutura do colégio não teria estabilidade para comportar 300 pessoas, devido a necessidade de distanciamento entre as pessoas e a própria estrutura escolar.

Hoje em dia só restam saudades. Relembrar os anos passados faz com que as boas memórias venham e os alunos voltem a ter a mesma sensação de paixão pelos esportes e brincadeiras. Então, com o fim da pandemia, a gincafontes poderá voltar com mais estabilidade para todos.



Edição anterior da Gincafontes. Créditos: Facebook da EEB Dr. Paulo Fontes

e bairros vizinhos ocuparam nos vários gêneros textos produzidos para a primeira edição do jornal: notícias, artigos de opinião, entrevista, resenhas e conto, os quais exploraram o universo dessa localidade através do olhar desacomodado de seus moradores.

Esse movimento permitiu não só que os estudantes conhecessem e se interessassem pelas questões concernentes ao local em que vivem

como também desenvolvessem um olhar crítico sobre a Comunidade escolar do EEB Dr. Paulo Fontes, e com grande satisfação que apresentamos a primeira edição do Jornal Paulo Fontes (noturno), cuja leitura e conteúdo esperamos que vocês apreciem.

* Diretora do EEB Dr. Paulo Fontes
** Professora da disciplina de Língua Portuguesa na EEB Dr. Paulo Fontes
*** Professora orientadora de Estágio na Universidade Federal de Santa Catarina

Entrevista:

Já pensei várias vezes em desistir

Estudantes do 3º ano do Ensino Médio entrevistam a diretora da EEB Dr. Paulo Fontes, Fabiola Fátima Costa

Page XX

Conto

Boleiro sem migué

A ficção histórica do jogador Paulinho Gais dos Santos pelas mãos dos estudantes do Paulo Fontes

Page XX

Resenha

Igreja e Casa Açoriana

Conheça um pouco da história e da experiência de visitar esses dois lugares icônicos de Santo Antônio de Lisboa

Page XX

Page 1